

EUA investigam mortes em Caruaru

■ Cientistas americanos consideram os 36 óbitos o incidente mais grave na área da hemodiálise

JOSÉ DE ARIMATÉIA

RECIFE — A morte de 36 doentes renais em tratamento numa clínica de Caruaru, no Agreste pernambucano, está sendo considerada pelo Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos como o incidente mais grave já ocorrido em todo o mundo no setor de hemodiálise. Outros 60 pacientes com intoxicação no fígado, transferidos para o Recife, ocupam uma ala do Hospital Barão de Lucena que está sendo conhecida como “corredor da morte”, devido a poucas chance que a maioria tem de sobreviver.

Os doentes que fizeram hemodiálise no Instituto de Doenças Renais (IDR), nos dias 13, 14 e 15 de fevereiro, morreram em pouco mais de um mês, com sintomas como náuseas, vômitos, distúrbios visuais, convulsões, alucinações, hemorragias digestivas e fraqueza muscular. A intoxicação pode ter sido provocada pela toxina Microsistina-LR ou por metais pesados existentes na água usada na hemodiálise.

Cerca de 200 profissionais da área de saúde trabalham em tempo integral para apurar as causas e reduzir os efeitos da contaminação, entre cientistas da Fiocruz (Rio), Instituto Evandro Chagas (Belém), Ministério da Saúde (Brasília), médicos e técnicos do governo de Pernambuco.

Nada revela mais a gravidade do incidente do que a chegada ao Recife de três cientistas do Centro de Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos. O CDC investiga profundamente todos os casos de mortes em massa causadas por vírus ou contaminação. Teve atuação importante no controle da epidemia do vírus Ebola, na África.

As epidemiologistas Elise Jochiisen, Susan Cookson e Denise Cardo (que é brasileira) devem ficar mais uma semana estudando o caso, mas evitam a imprensa. Denise Cardo reconheceu, entretanto, que o caso de Caruaru não tem precedente no mundo. “Acidentes durante hemodiálise acontecem, mas aqui o número de mortos pode ser considerado extremamente alto”, disse ela.

A sucessão de mortes acabou sendo definida como “uma chacina” pelo delegado de Caruaru, Flávio Torreão, que no entanto demorou a abrir inquérito, por que os diretores do IDR têm grande influência política no município. A tragédia também impressionou o presidente Fernando Henrique Cardoso, que mandou o ministro da Saúde, Adib Jatene, acompanhar o caso.

Mas, até agora, o único aspecto positivo, em todo o caso, foi a decisão do ministro de fiscalizar as 400 clínicas que fazem hemodiálise no país, tratando 25 mil diabéticos renais. A hemodiálise é um processo médico caro e por isso é custeado com recursos públicos do Sistema Unificado de Saúde (SUS). O IDR de Caruaru, por exemplo, recebia R\$ 100 mil por mês para cuidar de 147 pacientes do Agreste pernambucano.

Pelas investigações feitas até agora, as mortes em Caruaru foram provocadas por uma sucessão de erros. Segundo o secretário estadual de Saúde, Jarbas Barbosa, o relatório da equipe de investigação preliminar apontou uma série de irregularidades no IDR.

Algumas delas: presença de lodo nas mangueiras e máquinas usadas na hemodiálise; falta de análise periódica da água, que era entregue à clínica em carros-pipa justamente para assegurar maior grau de pureza; falta de capacitação profissional de quem trabalhava com os aparelhos; falta de cuidados higiênicos durante e depois das sessões de hemodiálise.

Falsificação — Além disso, ao fim de 15 dias de investigações e tomada de depoimentos, a comissão de sindicância encontrou sinais de falsificação nos prontuários médicos de várias vítimas. A rotina manda que se anote todas as anormalidades ocorridas durante as hemodálises. “Estas fichas, aprendidas e enviadas à Perícia, mostraram indícios de que foram preenchidas de uma só vez e em pouco tempo”, diz o secretário de Saúde.

Jarbas Barbosa afirma que a diretoria da clínica tentou esconder as máquinas de hemodiálise, quando a Vigilância Sanitária decidiu inspecioná-las, e omitiu “informações importantes” quando fez a primeira comunicação das mortes à Secretaria de Saúde:

“Quando os problemas começaram, no dia 20, nada foi comunicado à secretaria. Só pudemos avaliar o que estava acontecendo no dia 7 de março, duas semanas depois, quando já havia 12 mortos”, afirmou Jarbas.

Quando as mortes já chegavam a 30, o promotor Renato Silva Filho, presidente da Associação do Ministério Público de Pernambuco, anunciou que pediria a prisão provisória dos diretores da clínica, Willian Stanford, Antonio Bezerra Filho, Bráulio Coelho, José Nogueira e Pedro Feitosa. Depois, voltou atrás, bombardeado por vereadores de Caruaru. O advogado dos médicos, Gilberto Marques, disse que Silva Filho não era o promotor do caso e não devia se manifestar. “Além disso, prisão temporária só se aplica quando o delito for doloso, ou seja, com a vontade clara e consciente de seu autor”.

A direção médica do IDR está sendo investigada pela secretaria estadual de Saúde, ministério da Saúde, Polícia, Assembleia Legislativa e Conselho Regional de Medicina. Quando as mortes aumentaram, sua primeira providência foi retirar seus nomes da fachada da clínica.

Alguns diretores do IDR também dirigem outra clínica de Caruaru que faz hemodiálise, o Instituto de Nefrologia e Urologia (Inuc), mas não se comprovou nenhuma morte lá. “Podemos dizer, com certeza, que foi o problema localizado do IDR, e apenas com a água que passou por lá nos dias 13, 14 e 15 de fevereiro”, afirma o secretário Jarbas Barbosa.

